

Uma maratona para ir à escola

RICARDO MARQUES

Crianças da zona rural andam seis quilômetros para pegar ônibus

As crianças que vivem na zona rural vêm enfrentando uma maratona todos os dias para ir à escola. No Assentamento 26 de Setembro, que fica na Área 2 da Floresta Nacional – os mais de cem alunos têm de andar seis quilômetros para pegar o ônibus de manhã e ir às aulas em Taguatinga.

Os ônibus fretados pela Secretaria de Educação não conseguem passar pelas intransitáveis estradas de terra do local. Por isso, esperam pelos alunos na rodovia. As 500 famílias assentadas reclamam do descaso e da impossibilidade de se fazer qualquer obra de infra-estrutura na área, sob a tutela do Ibama.

Os irmãos Luana Tavares, 7 anos, Lucas, 4, e Leone, 3, acordam todos os dias às 5h da manhã e fazem o percurso até alcançar o transporte escolar. A lama nos calçados, resultado da longa caminhada, é motivo de vergonha na escola. "Tenho

vergonha, a professora fala que a gente não toma banho. E quando chove a gente nem pode entrar na sala de aula por causa do barro", conta Luana. A aluna da 2ª série do Ensino Básico faz todo o trajeto de mãos dadas com os irmãos mais novos. "Tenho de cuidar deles, é muito longe, e eles se cansam logo", diz.

A mãe das crianças, Francisca Costa, mostra revolta com a situação. "Além do cansaço, eles chegam molhados e sujos de lama. É muita maldade uma criança de três anos ter de andar uma distância dessas, às 5h da manhã, debaixo de chuva e ainda ser discriminada na escola", diz.

"É muita maldade uma criança de três anos ter de andar uma distância dessas, às 5h da manhã"

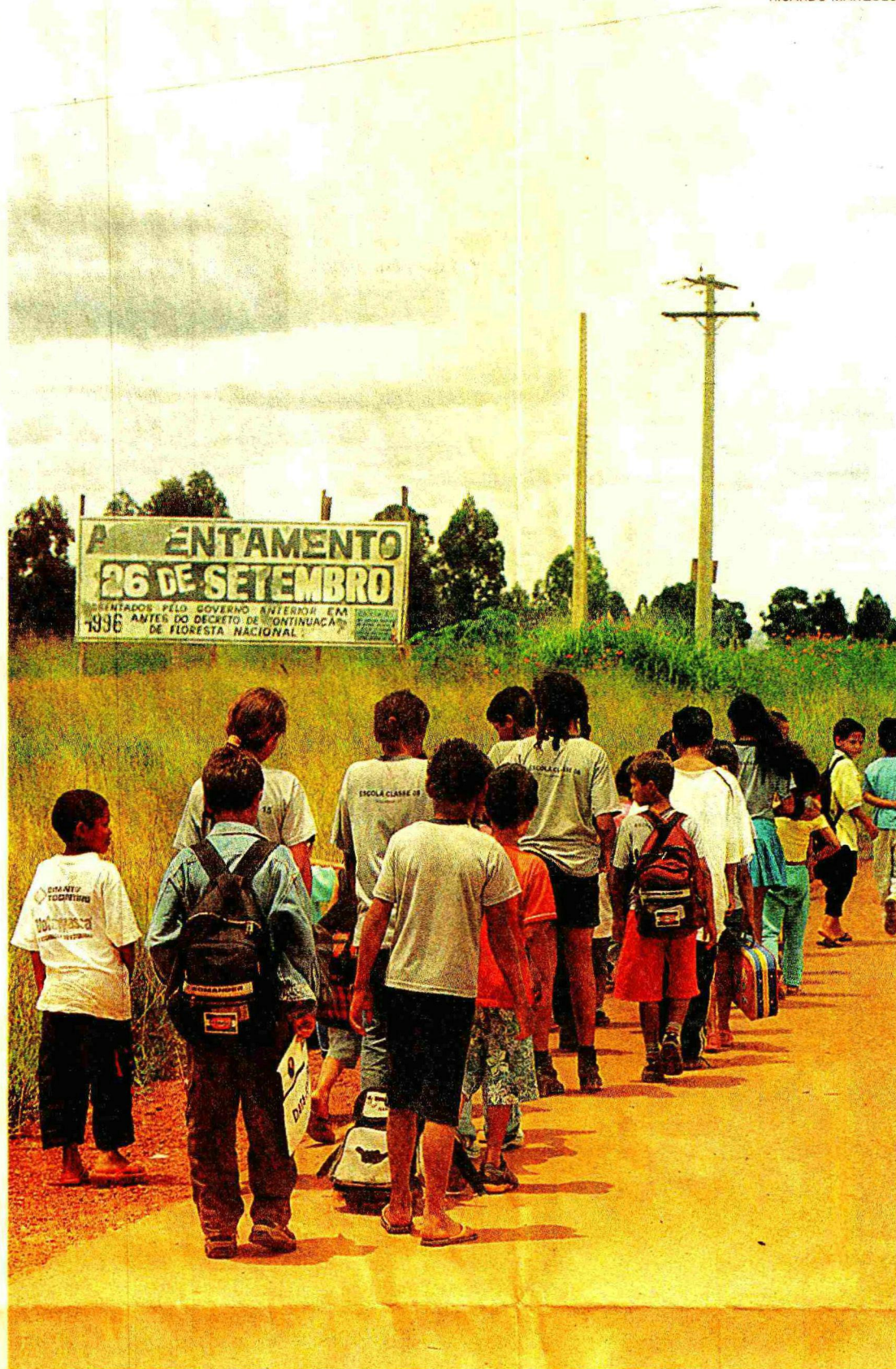
Francisca Costa, mãe de três crianças que estudam em Taguatinga

Outra mãe, Solange da Silva, mora mais perto da rodovia e gasta 45 minutos para levar o filho de 4 anos. Segundo ela, a situação das estradas na Flona é terrível. "Tem dia que não dá para passar nem a pé. Ficamos isolados", conta.

A colônia agrícola 26 de Setembro foi criada em 1996, dois anos antes de ser considerada Floresta Nacional, por meio do Decreto 17.502. A idéia original, segundo a presidente da Associação dos Moradores, Esteniza Fernandes, era se criar um assentamento modelo, a partir da instalação de energia elétrica, da construção de escola de Ensino Fundamental, postos de saúde, de policial e estradas asfaltadas.

Antes mesmo de começar, as obras foram embargadas, em função de um processo para a desocupação da área, aberto por Organizações Não-Governamentais. A alegação era de que a área teria lençóis freáticos rasos e minas, o suficiente para ser considerada área de proteção ambiental. Daí por diante, surge o impasse: por determinação federal, a Flona passou a ser tutelada pelo Ibama.

De acordo com o chefe da Floresta Nacional, Guilherme Almeida, o assentamento está localizado dentro do parque da Flona, por isso não é permitida qualquer obra de infra-estrutura que comprometa a configuração original do parque ou que cause prejuízo ambiental. Nesse sentido, as únicas medidas que podem ser tomadas pela instituição são a manutenção e o reparo das estradas de terra. "O que não pode ser feito neste mo-



Os alunos enfrentam a lama da estrada, às vezes chuva, e ainda são humilhados na escola

mento por causa das chuvas", explica Guilherme.

Seis anos depois do embargo, apenas a energia elétrica chegou para os moradores. "Isso porque foi custeada pelos próprios chacareiros da região", acrescenta Esteniza.

Como alternativa para o fim do dilema, a Associação de Moradores apresentou projeto de desenvolvimento sustentável ao Ibama, desenvolvido por agrônomos do próprio instituto e do Inra.

A proposta, ainda sob aná-

lise, funciona como um acordo de cooperação. Consiste, basicamente, no reflorestamento da área pelos assentados, em troca da permissão para plantio e para execução das obras de infra-estrutura que exigem mais urgência.